



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS REITORES DAS UNIVERSIDADES DA REGIÃO DO LÁCIO

Segunda-feira, 16 de maio de 2022

[Multimídia]

Ilustres senhoras e senhores

Dou as minhas boas-vindas a vós, Reitores das treze universidades públicas, estatais e não estatais, de Roma e do Lácio, reunidos na Coordenação Regional das Universidades do Lácio com os representantes da Região. Saúdo o presidente, professor Stefano Ubertini, Reitor da Universidade da Tuscia, e agradeço-lhe as amáveis palavras de apresentação.

Às universidades, neste particular momento histórico, é confiada uma tarefa de grande responsabilidade. Os anos da pandemia, a propagação na Europa da “terceira guerra mundial” que começou em pedaços e agora parece que não será em pedaços, a questão ambiental global, o crescimento das desigualdades, desafiam-nos de modo inédito e acelerado. Um desafio que tem uma forte implicação cultural, intelectual e moral. Este cenário está diante das gerações mais jovens, arriscando de gerar um clima de desânimo, desconcerto, perda de confiança, pior ainda: de habituação. Devemos dizer a verdade a nós mesmos: estamos em crise. E a crise não é algo negativo, não é má: a crise é boa, porque a crise nos faz crescer, nos leva a fazer opções para crescer. O perigo é quando a crise se transforma em conflito: o conflito é fechado e destrói. Mas devemos aprender a viver em crise, como fazemos agora, e a levar os jovens que estão nas nossas universidades para a frente, ensinando-os a viver em crise e a superar a crise. Esta é uma das coisas mais belas que podemos fazer: como viver a crise e superar a crise, para que não se transforme em conflito.

Mas os jovens não se conformam, e chamam-nos às nossas responsabilidades. Portanto, este é

precisamente o momento para um grande investimento educacional. É por isso que se desenvolve o *Global Compact on Education*, ou seja, um projeto de trabalho conjunto em escala global, concernindo muitas partes interessadas, desde as principais religiões até às instituições internacionais, passando por cada uma das instituições educacionais. Assinando neste espírito o [documento sobre a fraternidade](#) humana em Abu Dhabi a 4 de fevereiro de 2019, concordámos que «nos preocupamos com uma educação integral que se resume em conhecer-se a si mesmo, ao irmão, à criação e ao Transcendente».

Concretamente, é este o horizonte da paz: uma educação universitária humana e universal, sobre a realidade. Por vezes, algumas universidades — penso nalgumas que conheci — continuam a herança universitária do Iluminismo, que é encher a cabeça com ideias, fazer “macrocéfalos”, e isto não ajuda. É preciso educar com a linguagem da cabeça, do coração e das mãos, e é assim que se cresce na sociedade. Este, em termos concretos, é o horizonte da paz que justamente reivindicamos hoje, e pela qual rezamos intensamente e, portanto, do desenvolvimento verdadeiro e integral, que não pode ser construído senão com sentido crítico, liberdade, confronto saudável e diálogo. E estas quatro coisas não podem ser feitas sem liberdade. Aqui estamos na base da própria ideia de universidade e do papel que esta instituição não pode deixar de desempenhar, além das barreiras e das fronteiras.

Com efeito, há muito a fazer, para assegurar o desenvolvimento tecnológico e científico, certamente, mas também para garantir a sustentabilidade humana. As grandes mudanças exigem que repensemos os nossos modelos económicos, culturais e sociais, a fim de recuperar o valor central da pessoa humana.¹ E «o próprio termo “universidade” designa uma comunidade, mas também uma ideia da convergência do conhecimento, numa busca que forneça verdade e significado ao diálogo entre todos os homens e mulheres do mundo».²

Portanto, o serviço que a universidade pode prestar é verdadeiramente importante; que podeis oferecer vós e as universidades que representais, cada uma com as próprias características, para reconsiderar e adaptar os nossos modelos de desenvolvimento, fazendo com que se unam as melhores energias intelectuais e morais. Os estudantes não se contentam com a mediocridade — exploram-na, mas não se contentam; não se contentam com uma mera repetição de dados, nem com uma formação profissional sem um horizonte. Isto é demonstrado, por exemplo, pela grande mobilização de muitos jovens doutorandos e pesquisadores em economia, coordenados por professores das vossas universidades, precisamente com o objetivo de construir respostas novas e eficazes, superando velhas incrustações ligadas a uma cultura estéril de competição de poder.

Nunca vos falte o esforço de ouvir, as estudantes e os estudantes, as colegas e os colegas — esta atmosfera de diálogo, nunca falte — escutai a realidade social e institucional, a vizinha e a global, pois a universidade não tem fronteiras: o conhecimento, a pesquisa, o diálogo, o confronto não podem deixar de superar qualquer barreira e ser abrangentes.³ Por favor, não vos falte também a coragem da imaginação e do investimento, por um desenvolvimento humano da

investigação, para formar jovens capazes de trazer algo novo ao mundo do trabalho e da sociedade; para os formar também no respeito: respeito por si, respeito pelo próximo, respeito pela criação e respeito pelo Criador.

E ao promover a excelência dos estudos e da investigação, exorto-vos a estar atentos para que todos aqueles que a merecem e carecem de meios possam exercer plenamente o seu direito ao estudo e à formação. E também para continuar o louvável compromisso de acolher estudantes, investigadores e professores vítimas de perseguição, guerra e discriminação em vários países. Que possais estimular de muitas formas o “service learning” à comunidade, para que, medindo-se com as pobreza e as periferias existenciais e sociais, possam dar mais sentido e valor à sua formação universitária, nunca desligados da vida, nunca desligados das pessoas, nunca desligados da sociedade.

Voltamos assim à intencionalidade própria da instituição universitária, no compromisso convergente de ensino, investigação, diálogo e confronto com a sociedade. Espero que as vossas comunidades sejam vivas, transparentes, ativas, acolhedoras, responsáveis, num clima frutuoso de cooperação, intercâmbio e diálogo, valorizando todas e cada uma. Que possais ler e enfrentar esta mudança de época com reflexão e discernimento, sem preconceitos ideológicos, sem receios nem fugas, ou pior, conformismos. E sobre isto, exorto-vos a ter cuidado com as ideologias. As ideologias destroem porque nos fazem ver apenas de uma maneira e fecham o panorama universal. As ideologias destroem a humanidade da pessoa, tiram-lhe o coração, privam-na da sua capacidade poética, da sua criatividade. Hoje há tantas: devemos tomar cuidado para não cair nestas atitudes ideológicas que destroem, fazem muito mal. Até na Igreja temos, às vezes, tantas ideologias que não fazem bem.

Faltam poucos anos para o Jubileu de 2025. Recordemos que precisamente três anos após a celebração do primeiro Jubileu em 1300, foi instituído o *Studium Urbis*, como que para mostrar na prática e reafirmar a relação nativa entre a Igreja e a instituição universitária, uma das mais antigas e paradigmáticas expressões da civilização europeia, que depois se desenvolveu em todo o mundo. Somos chamados a desenvolver e prosseguir esta relação antiga e bem consolidada, na distinção e na cooperação, na construção responsável e sustentável dos percursos de desenvolvimento.

O lema do próximo Jubileu de 2025, *Peregrinos da esperança*, pode então expressar este compromisso convergente, a tensão para objetivos partilhados de vida, de bem e de fraternidade. São os meus votos e os meus agradecimentos ao Comité Regional de Coordenação das Universidades do Lácio. Acompanho-vos com a minha bênção e oração. E também vós não vos esqueçais de rezar por mim. E se algum de vós não rezar porque não pode, não sabe ou não tem vontade, pelo menos envie-me boas ondas: eu preciso delas! Obrigado.

1 *Discurso na Universidade Roma Tre*, 17 de fevereiro de 2017.

2 *Discurso a docentes e estudantes da Livre Universidade Maria Santíssima Assunta*, 14 de novembro de 2019.

3 Cf. Const. Ap. *Veritatis gaudium*, Proémio.